



EDITORIAL

A colonialidade do poder continua a pleno vapor no Brasil. Cotidianamente recebemos notícias de assassinatos de indígenas, negros, mulheres e de corpos das comunidades LGBTQIAP+. Alguns desses atos covardes ganham as mídias, como os recentes assassinatos de Dom Phillips e Bruno Pereira, mas outros, não. Ocorre assim o que podemos chamar por necro-Historicídio, isto é, quando existem estatísticas de mortes silenciadas, etnocídios, genocídios, pobrecídios e negrocídios, LGBTQIAP+cídios que acontecem sem que sequer sejam veiculados pelos noticiários. Até quando? Nossa revista busca se opor a esses atos inermes realizados ou pelo Estado ou com a sua anuência.

É com enorme prazer, apesar de todas as notícias ruins, que publicamos o nosso segundo número da READ (Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais) que deve privilegiar a construção de um saber defensor da vida, da ajuda mútua e do amor. Convidamos as nossas comunidades a lerem nossos artigos que tem temas como capoeira, teoria anarquista, violência aberta e estrutural, críticas ao universalismo, pensamento decolonial e cosmovisões indígenas. As pesquisas estão dispostas da seguinte maneira.

Iniciamos a presente edição com o artigo “Capoeira, uma experiência anarquista”, de Renata Giovana de Almeida Martielo. Com esse artigo, a autora faz “um convite para pensarmos sobre as possíveis e necessárias interfaces da capoeira com a construção de uma sociedade igualitária, livre e justa, através de um projeto que enfrente as colonialidades do saber e do ser”. Integrando vivências de corpos negros, LGBTQs, e excluídos no cenário político brasileiro, Martielo trata da capoeira como uma forma de expressão da resistência. Seus principais referenciais teóricos são Wallace de Moraes, Abdias Nascimento, Bernardino Costa, entre outros.

Seguimos para “‘Ser Bueno Es Ser Feroz’: a violência aberta contra a violência estrutural na prática anarquista”, de Ana Paula Graboski de Almeida. Em seu texto, Almeida possui como objetivo central compreender a oposição entre violência aberta e estrutural, a partir da análise do discurso de anarquistas propagandistas pelo ato e integrando-a a uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de violência e seu monopólio estatal. Dentre seus referenciais teóricos, temos Nildo Avelino, Kom’boa Ervin, Kropotkin, Rafael Barret, e Félix García Moriyón.

O artigo de Kaio Braúna intitulado “Contra o universalismo ocidentalizado – Caminhos para imaginarmos outros mundos”, se propõe a elucidar alternativas imaginativas os quais não são possíveis dentro de uma lógica epistemológica fíncada nas bases universalistas da tradição filosófica ocidentalizada. O autor propõe, por meio de discussões variadas – partindo desde Descartes até Aimé Césaire –, rastrear brechas pelas quais se poderia estabelecer um programa de revolução decolonial e libertária. Dentre suas referências, há Marta Fernandez, Ramón Grosfoguel e Jota Mombaça.

Em seguida, apresentamos “Reflexões sobre o pensamento decolonial alinhado ao pensamento indígena brasileiro” de Mariana Lisboa Farias. A autora procura analisar, por uma ótica decolonial e anarquista, as relações entre a Estadolatria e a ciência ocidental moderna, trazendo como referências principais as obras de Ailton Krenak, Davi Kopenawa e Wallace de Moraes. Seus objetivos incluem a defesa do protagonismo das cosmovisões indígenas.

Nosso último artigo, de autoria de Bruno Latini Pfeil e Cello Latini Pfeil, é intitulado “Uma abordagem decolonial sobre a prática de inscrições corporais na modernidade/colonialidade”. Com referencial teórico majoritariamente decolonial e, em certos

momentos, anarquistas, os autores procuram demonstrar como a prática de inscrições corporais – desde modificações corporais, como tatuagens e perfurações, até automutilações – foi apropriada por instituições diversas na modernidade – tais como a Igreja – e patologizada pela medicina ocidental.

Agradecemos a todos que tornaram esse número possível, autores, pareceristas, editores. Seguimos na construção coletiva por um saber decolonial e anarquista!

Desejamos a todes uma ótima leitura!

Saudações libertárias e decoloniais!

Andréa Nascimento,

Cello Latini Pfeil

Wallace de Moraes